

BOLETIM ECONÔMICO - CONSTRUÇÃO CIVIL EM ANÁLISE



CONSTRUÇÃO CIVIL EM ANÁLISE Nº 05
JUNHO 2016

ÍNDICE

DESAFIO ESTRUTURAL	02
1 – EMPREGO FORMAL	03
1.1 – SALDO MENSAL DE EMPREGO NA CONSTRUÇÃO CIVIL DO ESTADO DO PARÁ	04
1.2 – SALDO ANUAL DE EMPREGO DA CONSTRUÇÃO CIVIL E ATIVIDADES ECONÔMICAS DO ESTADO	04
1.3 – PARTICIPAÇÃO DA CONSTRUÇÃO CIVIL NA BALANÇA DE EMPREGOS	05
1.4 – VARIAÇÃO DE DEMISSÕES POR MUNICÍPIO DO ESTADO DO PARÁ	05
2 – PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB)	06
2.1 – BANCO CENTRAL PROJETA QUEDA MENOR DO PIB.....	06

O DIFÍCIL MOMENTO DA INDÚSTRIA BRASILEIRA

Um dos desdobramentos mais graves da atual crise econômica é a força com que a recessão atingiu a indústria de transformação, que já passava por uma fase difícil, de baixo crescimento e compressão de margens. A produção física da indústria de transformação caiu quase 20% entre fevereiro de 2013 e o mesmo mês de 2016. Tomando-se um horizonte mais amplo, a participação das manufaturas no PIB (Produto Interno Bruto) saiu de níveis acima de 18% na década de 70 para 11,4% atualmente. Na virada do milênio, a participação estava em torno de 14,5%, e ainda em 2011 era superior a 13%.

O Brasil destaca-se entre os países emergentes por ainda ter um parque industrial diversificado, que fabrica de calçados a aviões. Independentemente da interminável discussão sobre os méritos e deméritos de diferentes tipos de política industrial, há no país uma base de cadeias produtivas manufatureiras cuja construção consumiu grandes recursos financeiros e gerenciais do setor público. Daí, depreende-se que os custos para recuperar um parque industrial que sofre um encolhimento expressivo também são muito elevados.

Por conta disso, um dos desafios que qualquer governo terá nos próximos anos é o de reconstituir o tecido industrial – considerando aspectos relativos a seu papel na cadeia global, bem como a dinâmica de interação da indústria com o setor de serviços. Para tanto, é preciso partir de diagnósticos precisos e realistas sobre a crise que se abate sobre o setor por um longo período. No atual ambiente de disputa política polarizada, há uma tendência de se interpretar todos os acontecimentos sobre o prisma dos acertos e erros de política econômica dos grupos que disputam o poder. No momento, grande ênfase é dada ao que teria sido o fiasco da política de subsídios e desonerações com que o governo, no primeiro mandato da presidente Dilma Rousseff, tentou se contrapor à crise manufatureira. Esse alegado equívoco é tratado em muitas análises como um fator importante da crise atual.

Depois da forte retomada em 2010, a atividade voltou a se desacelerar de forma abrupta em 2011, e o governo tentou reavivá-la, com ênfase na combatida indústria de transformação, por meio de incentivos que não se voltaram só à demanda, como sustentam alguns críticos, mas que também tentaram atacar as questões dos custos de produção e de financiamento.

A causa principal da gravíssima situação fiscal de hoje é o processo de aprofundamento democrático da sociedade brasileira – que criou pressões sobre o erário superiores à capacidade de o Estado recolher tributos – e restringiu o funcionamento saudável da economia. Este é um processo iniciado junto com a redemocratização, que tem o seu primeiro momento marcante com a promulgação da Constituição de 1988, a espinha dorsal do atual arranjo institucional da democracia brasileira. Muitas outras legislações e programas de governo desde então seguiram o espírito da Carta de 1988, estendendo direitos e promovendo a inclusão social. Em resumo, se a ideia é resgatar algum dinamismo à indústria nacional, é importante se partir de análises objetivas e não contaminadas pela paixão da disputa política.

Luiz Guilherme Schymura
Doutor em Economia pela FGV/EPGE

Links relacionados:

<http://portalibre.fgv.br/main.jsp?lumPageld=4028818B379EFC9401379FA912825D74&contentId=8A7C82C5519A54780154A BE026AA3E7F>

1 - EMPREGO FORMAL

1.1 INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO

O último relatório da “Sondagem Indústria da Construção” traz uma radiografia clara e pessimista sobre um dos setores mais afetados pela crise econômica. Com nível de atividade em queda, demissão de empregados e diminuição das margens de lucro, os empresários da construção estão preocupados e insatisfeitos. Os principais problemas enfrentados pelo setor são as taxas de juros elevadas, a demanda interna insuficiente e a inadimplência dos clientes. As expectativas indicam novas quedas no nível de atividade, na inauguração de novos empreendimentos e nas compras de insumos e matérias-primas

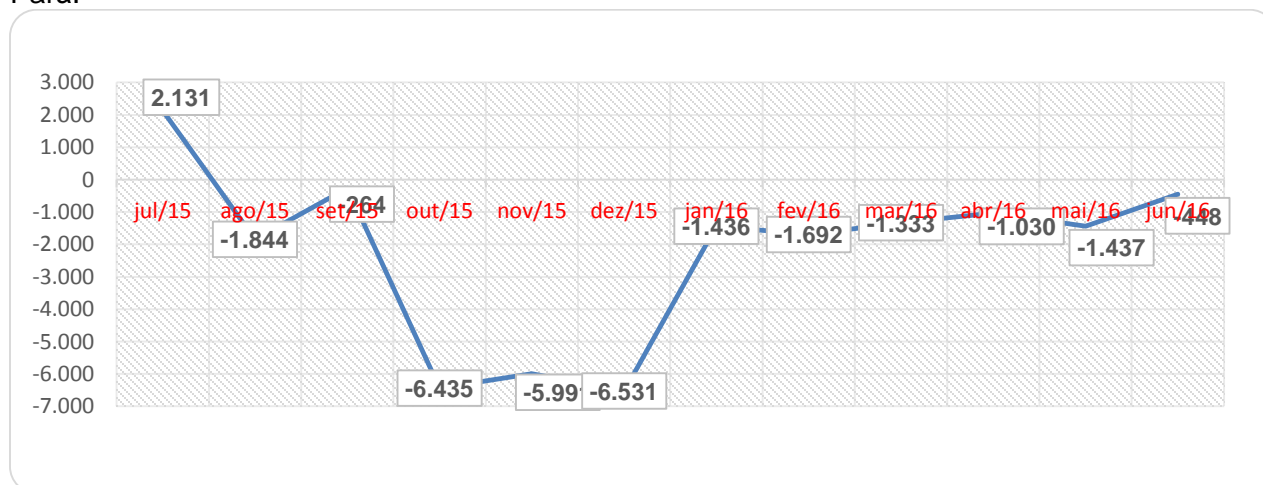
Principais problemas enfrentados pela indústria da construção Percentual dos entrevistados que citaram o problema como um dos três mais importantes:

- 17% Burocracia excessiva
- 28% Falta de capital de giro
- 31% Elevada carga tributária
- 31% Inadimplência dos clientes
- 36% Demanda interna insuficiente
- 39% Taxa de juros elevada

A taxa de desemprego é resultado de uma reação em cadeia na economia. O efeito da crise é rápido. Sem novas obras públicas, com poucos prédios sendo construídos pelo país, o setor da construção civil é um dos que mais viram empregos desaparecerem. Este é o último elo que se espalha pela cadeia da economia.

O IMD (Índice de Medo do Desemprego) atingiu, em março, os 106,5 pontos, muito próximo do nível mais alto da série iniciada em 1999, quando o país enfrentou a desvalorização do real com sérios impactos no mercado de trabalho. O indicador é obtido por meio de pesquisas de opinião pública que medem a intensidade do medo de ser afetado pelo desemprego, a partir da experiência pessoal do entrevistado e da percepção sobre os riscos de demissão entre pessoas de sua família.

Abaixo os números referentes ao saldo do setor (Construção Civil) no ano de 2016 no estado do Pará.



Fonte: MTE/DIEESE

Ano: 04

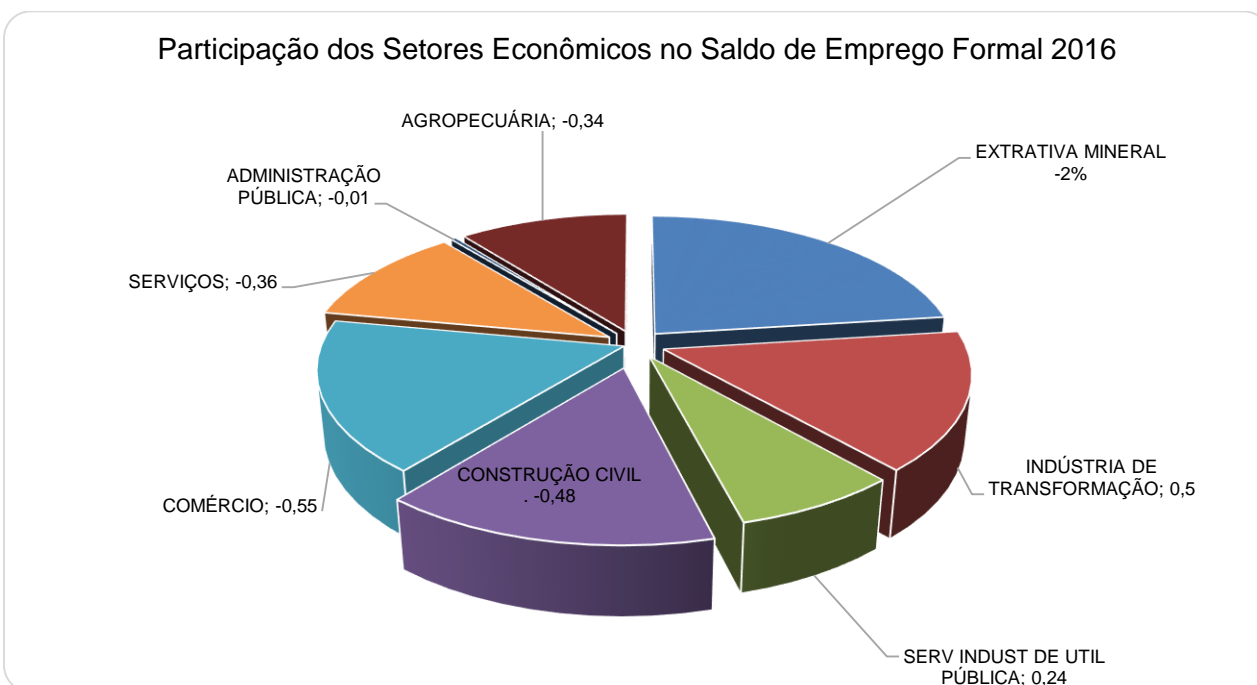
Edição: 06

1.2- Saldo Anual de Empregos Formais e Nível de Participação da Construção Civil em Relação a Outras Atividades Econômicas

SÉRIE HISTÓRICA 2010 A 2016

Ano	Total Admis.	Total Deslig.	Saldo Construção Civil	Saldo Atividades Econômicas	Part. % Construção Civil	Estoque de emprego
2010	61.421	51.931	9.490	54.446	0,17	64.170
2011	76.299	62.995	13.304	52.505	0,25	79.913
2012	84.650	72.433	12.217	37.846	0,32	94.120
2013	101.350	83.368	17.982	29.616	0,61	109.142
2014	113.748	110.347	3.401	17.016	0,20	126.120
2015	77.666	102.770	-25.104	-37.828	-20,61	90.275
2016	25.754	32.783	-7.029	-16.545	-7,06	79.771

1.3 – Participação da Indústria da Construção e demais Setores na Balança de Emprego



Fonte: MTE

Ano: 04

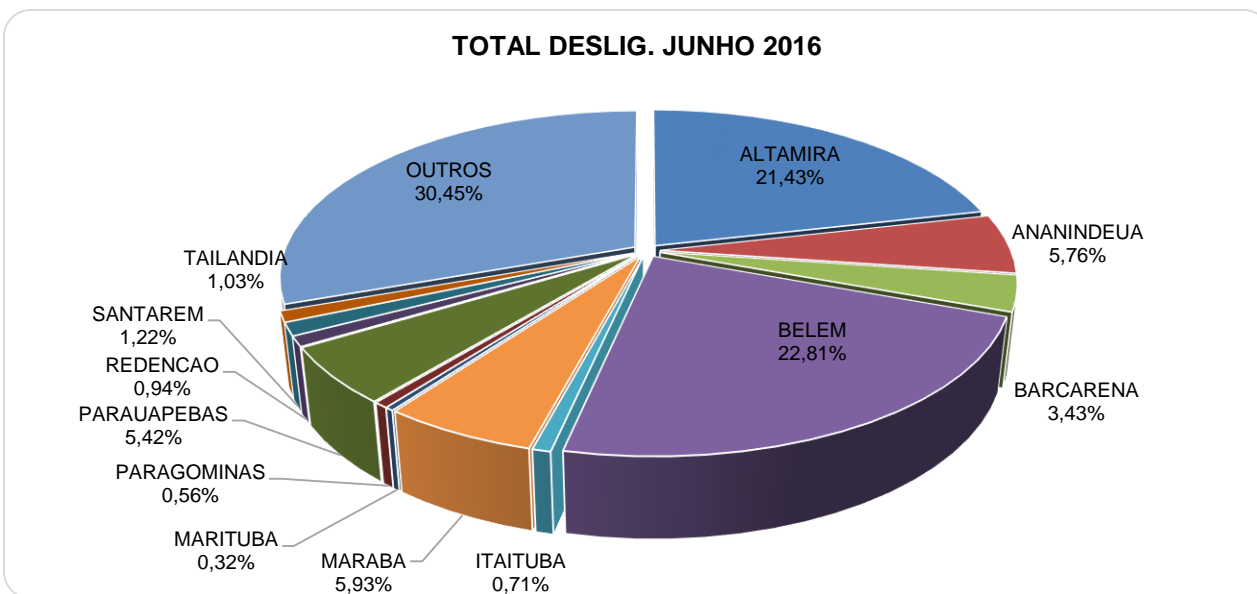
Edição: 06

1.4 - Variação das Demissões por Município Paraense

Desligamentos na Construção do Estado do Pará – Julho de 2015 a Junho de 2016

SETORES	TOTAL DESLIG. MAIO	TOTAL DESLIG. ANO	TOTAL DESLIG. 12 MESES
ALTAMIRA	1.001	6.220	26.595
ANANINDEUA	269	1.749	4.242
BARCARENA	160	2.919	5.201
BELEM	1.065	7.690	17.518
ITAITUBA	33	216	696
MARABA	277	1.368	3.099
MARITUBA	15	414	1.058
PARAGOMINAS	26	283	1.110
PARAUPEBAS	253	2.522	6.034
REDENCAO	44	354	958
SANTAREM	57	368	888
TAILANDIA	48	312	914
OUTROS	1.422	8.368	18.897
TOTAL	4.670	32.783	87.210

Fonte: MTE



Fonte: MTE

Link relacionado:

<http://bi.mte.gov.br/eec/pages/consultas/evolucaoEmprego/consultaEvolucaoEmprego.xhtml#relatorioSetor>

2. PRODUTO INTERNO BRUTO

2.1 – BANCO CENTRAL PROJETA QUEDA MENOR DO PIB E NOVO ESTOURO DA META DE INFLAÇÃO EM 2016

O Banco Central revisou ligeiramente a previsão de queda do PIB (Produto Interno Bruto) do país para 2016. De acordo com o Relatório Trimestral de Inflação, divulgado na manhã desta terça-feira, a estimativa de recuo do PIB passou de 3,5% para 3,3%.

O resultado previsto para 2016 pelo Banco Central sinaliza uma melhora do indicador em relação ao ano passado, quando a economia caiu 3,8%. Essa análise das previsões foi influenciada, entre outros fatores, pela menor queda esperada para a indústria. O recuo projetado para o PIB do setor é agora de 4,6%, ante uma baixa de 5,8% estimada anteriormente.

O Banco Central também vê os primeiros sinais de reversão da deterioração das estimativas para os investimentos. A projeção da chamada FBCF (Formação Bruta de Capital Fixo) passou de um recuo de 13% para 11,6% em 2016. Essa terceira retração anual consecutiva foi impactada pelos desempenhos negativos projetados para a construção civil. O consumo do governo deve recuar 0,8% em 2016, ante previsão anterior de queda de 0,7%. Já a estimativa de queda do consumo das famílias passou de 3,3% para 4%.

Links relacionados:

<http://www.ibge.gov.br/home/>

<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/economia/noticia/2016/06/banco-central-projeta-queda-menor-do-pib-enovo-estouro-da-meta-de-inflacao-em-2016-6234822.html#>